

**INCANDESCÊNCIA E FRAGMENTO: A ESPADA-DIALÉTICA DO
ROMANTISMO NA FORJA DAS CULTURAS BRITÂNICA E ESTADUNIDENSE**

**INCANDESCENCE AND FRAGMENT: THE SWORD-DIALECTIC OF
ROMANTICISM IN THE FORGING OF BRITISH AND AMERICAN CULTURES**

**INCANDESCENCIA Y FRAGMENTO: LA DIALÉCTICA DE LA ESPADA DEL
ROMANTICISMO EN LA FORJA DE LAS CULTURAS BRITÁNICA Y
ESTADOUNIDENSE**



10.56238/revgeov16n5-009

Lander dos Santos Costa

Pós-graduado em Estudos Literários

Instituição: Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

E-mail: lander_educjf@hotmail.com

RESUMO

No âmago da aurora romântica, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos da América erigiram, em pulsante contraste, duas arquiteturas literárias que personificam a alma do seu tempo e espaço. O romantismo britânico, encabeçado por William Wordsworth, descortina a introspecção mística e o diálogo reverente com a natureza como caminho para a transcendência. Por outro lado, o romantismo estadunidense, com Edgar Allan Poe como seu baluarte, mergulha nas profundezas sombrias da psique e no suspense do desconhecido, espelhando o peculiar tumulto da jovem nação. A análise dessas duas linhas d'alma encontra um horizonte fecundo nas reflexões do teórico britânico Raymond Williams, que desvela o tempo como tecido social, e no pensamento de Frederick Jackson Turner, cuja tese da fronteira modela o tempo histórico americano. Estudar essas diferenças é indispensável para compreender a literatura atual, pois nelas reside a lâmina cortante que analisa as duas identidades culturais em sua mais incandescente fulgência.

Palavras-chave: Episteme. Hermenêutica. Palimpsesto.

ABSTRACT

This article undertakes a comparative exegesis of Romanticism as it manifested in Great Britain and the United States of America, illuminating the quintessential distinctions that cleave these two literary traditions. Anchored by the venerable William Wordsworth, British Romanticism evokes a transcendent communion with nature and the introspective and sublime, whilst its American counterpart, epitomised by Edgar Allan Poe, delves into the labyrinthine recesses of the human psyche and the spectral unknown. The inquiry is enriched by the theoretical frameworks of Raymond Williams, who conceptualises temporality as a socio-cultural construct within the British milieu, and Frederick Jackson Turner, whose Frontier Thesis delineates a uniquely American temporal and spatial consciousness. Studying these differences is indispensable for understanding contemporary literature, for within them lies the cutting blade that scrutinizes the two cultural identities in their most incandescent radiance.



Keywords: Episteme. Hermeneutics. Palimpsest.

RESUMEN

En el corazón del amanecer romántico, Gran Bretaña y Estados Unidos erigieron, en vibrante contraste, dos arquitecturas literarias que encarnan el alma de su tiempo y espacio. El Romanticismo británico, encabezado por William Wordsworth, revela la introspección mística y el diálogo reverente con la naturaleza como camino hacia la trascendencia. Por otro lado, el Romanticismo estadounidense, con Edgar Allan Poe como baluarte, se adentra en las oscuras profundidades de la psique y la incertidumbre de lo desconocido, reflejando la peculiar agitación de la joven nación. El análisis de estas dos líneas del alma encuentra un horizonte fértil en las reflexiones del teórico británico Raymond Williams, quien desvela el tiempo como tejido social, y en el pensamiento de Frederick Jackson Turner, cuya tesis fronteriza configura el tiempo histórico estadounidense. Estudiar estas diferencias es esencial para comprender la literatura contemporánea, pues en ellas reside la vanguardia que analiza las dos identidades culturales en su máximo esplendor.

Palabras clave: Episteme. Hermenéutica. Palimpsesto.



1 INTRODUÇÃO

Nas veredas sinuosas do Romantismo, duas nações — a Grã-Bretanha e os Estados Unidos da América — erigiram, em simetria e contraste, manifestações literárias que se tornaram espelhos profundos das suas respectivas almas culturais, políticas e temporais. O Romantismo britânico, cristalizado na figura insigne de William Wordsworth, revela-se como uma ode ao resgate da natureza enquanto santuário sublime da introspecção, da memória e da espiritualidade. É a celebração da harmonia entre o homem e o cosmos, onde a experiência subjetiva se funde ao eterno, convocando um diálogo reverente com as forças naturais que ultrapassam o efêmero e tangem o infinito. Por sua vez, o Romantismo estadunidense, encarnado na obra fascinante e sombria de Edgar Allan Poe, é a descida audaz aos recônditos labirínticos da psique humana, ao confronto com o desconhecido, o grotesco e o inquietante. Aqui, o mistério e o suspense revelam a angústia e a volatilidade de uma nação jovem, cuja identidade ainda se encontra em formação, forjada na tensão constante entre o passado europeu e a vastidão inexplorada do Novo Mundo.

Este estudo propõe que a leitura comparada desses dois paradigmas românticos revela muito mais do que meras diferenças estilísticas ou temáticas: ela desvela fissuras profundas na compreensão do tempo, do espaço e do ser. É sob o prisma teórico do intelectual britânico Raymond Williams, que compreende o tempo como um tecido social que permeia as práticas culturais, que se enxerga o Romantismo britânico como expressão de uma temporalidade integrada, contemplativa e imbuída de historicidade consolidada. Em contrapartida, a análise da temporalidade estadunidense encontra robusto embasamento na célebre “Tese da Fronteira” de Frederick Jackson Turner, cuja narrativa delimita um tempo e espaço em movimento contínuo, marcado pela instabilidade, pelo conflito e pela promessa de renovação constante.

Ao analisar essas abordagens, torna-se evidente que o Romantismo britânico e o estadunidense configuram, cada qual à sua maneira, uma resposta existencial e estética às condições históricas, geográficas e culturais de seus contextos. Esta dicotomia revela que a literatura contemporânea não apenas herda uma tradição plural e tensionada, mas que também encontra nela a lâmina cortante e incandescente que continua a modelar identidades, inquietações e expressões artísticas. Portanto, compreender as divergências e os diálogos entre estes dois pilares do Romantismo é imperativo para qualquer leitura crítica atual, que pretenda apreender as raízes e os desdobramentos de um legado que permanece visceralmente vivo e urgentemente necessário.

2 METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, pautada na análise comparativa e hermenêutica das manifestações românticas na literatura britânica e estadunidense. O corpus selecionado compreende obras emblemáticas que sintetizam as essências dos movimentos em seus respectivos



contextos: do Romantismo britânico, a obra seminal “**Lyrical Ballads**” (1798), de William Wordsworth, que inaugura o diálogo íntimo com a natureza e a subjetividade; e do Romantismo estadunidense, contos representativos como “**The Fall of the House of Usher**” (1839) e “**The Raven**” (1845), de Edgar Allan Poe, que mergulham nas profundezas do medo e do mistério psicológico.

Complementarmente, a análise teórica fundamenta-se nos estudos do crítico cultural britânico **Raymond Williams**, sobretudo sua obra “**Marxism and Literature**” (1977), na qual ele articula a concepção do tempo como tecido social e cultural, e do historiador estadunidense **Frederick Jackson Turner**, cuja influente “**The Significance of the Frontier in American History**” (1893) oferece a chave para compreender a temporalidade dinâmica e expansiva do Romantismo nos Estados Unidos.

A pesquisa foi conduzida por meio de revisão bibliográfica crítica e análise textual detalhada das obras mencionadas, focando nas estruturas narrativas, motivos temáticos e representações simbólicas que evidenciam as particularidades e interseções entre os dois Romantismos. Tal abordagem visa oferecer uma compreensão aprofundada das implicações culturais e literárias desses paradigmas para a literatura contemporânea, destacando a importância de seu estudo nos debates acadêmicos atuais.

3 RESULTADO

A análise comparativa das obras selecionadas revela que o Romantismo britânico, exemplificado por *Lyrical Ballads*, manifesta uma reverência quase sacral pela natureza como fonte de renovação espiritual e introspecção. Wordsworth conjuga a paisagem com o eu interior, promovendo uma experiência estética que transcende o mero sensorial e se eleva à contemplação do eterno. A temporalidade aqui é cíclica e integradora, conforme os preceitos delineados por Raymond Williams, que interpreta o tempo como tecido social impregnado de memória e continuidade histórica. A natureza, nesse contexto, funciona como uma matriz estabilizadora da identidade cultural britânica.

Em contraste, a obra de Poe — especialmente em “*The Fall of the House of Usher*” e “*The Raven*” — revela um romantismo marcado pela exploração dos recessos obscuros da mente humana, onde o tempo se dilata e se fragmenta, abrindo espaço para o medo, a ansiedade e o desconhecido. Esta perspectiva, alinhada à análise de Frederick Jackson Turner, reflete o dinamismo e a fluidez da fronteira americana, em que a história é constantemente reescrita e o espaço é palco de conflito e transformação incessantes. O Romantismo estadunidense emerge, assim, como uma expressão de inquietude e reinvenção perpétua.

Essas diferenças estruturais e temáticas evidenciam que, enquanto o Romantismo britânico é um convite à introspecção harmoniosa e ao reconhecimento do legado histórico, o Romantismo



estadunidense personifica o embate com o caos interno e a busca angustiada por identidade em um mundo em constante mutação. Tal dicotomia é vital para a compreensão da literatura atual, pois mostra como a herança romântica molda as múltiplas facetas da experiência humana contemporânea, oferecendo lentes distintas para a interpretação da condição cultural em sociedades diversas.

4 DESENVOLVIMENTO

A análise comparada do Romantismo britânico e estadunidense exige, mais que a observação de formas estilísticas, a investigação das estruturas culturais e históricas que deram corpo a essas manifestações. Em *Lyrical Ballads* (1798), de William Wordsworth, e nas obras “The Fall of the House of Usher” (1839) e “The Raven” (1845), de Edgar Allan Poe, revela-se um embate fundamental entre dois paradigmas civilizacionais: de um lado, uma temporalidade contemplativa, pastoral e historicizada; de outro, uma experiência marcada pela descontinuidade, pelo colapso e pela reinvenção fronteiriça da subjetividade. Para além da análise textual, o diálogo com os teóricos Raymond Williams e Frederick Jackson Turner permite compreender como essas obras, cada qual à sua maneira, operam como documentos estéticos de uma formação cultural específica.

Wordsworth inaugura *Lyrical Ballads* com o manifesto do “Preface” (1800), no qual afirma que sua poesia pretende expressar “the spontaneous overflow of powerful feelings [...] recollected in tranquility” (WORDSWORTH, 1798, p. xii). Essa declaração é o eixo central de sua estética, que se realiza pela imersão do sujeito no espaço natural, como modo de reconciliação entre o eu e a memória coletiva. A natureza, nos poemas da coletânea, não é cenário, mas agente hermenêutico. Em “Lines Written in Early Spring”, por exemplo, o eu lírico observa: “Through primrose tufts, in that green bower, / The periwinkle trailed its wreaths; / And ’tis my faith that every flower / Enjoys the air it breathes” (WORDSWORTH, 1798, p. 15). Há aqui uma espiritualização do mundo natural, que funciona como espelho e refúgio da subjetividade.

A presença da natureza como matriz cultural se insere, segundo Raymond Williams, naquilo que ele chama de “estrutura de sentimento” — uma rede de valores e afetos socialmente partilhados, mas nem sempre formalizados. Williams argumenta que “o tempo histórico não é apenas o passado cronológico, mas o presente vivido em camadas, sedimentado nas práticas culturais” (WILLIAMS, 1977, p. 132). *Lyrical Ballads* é precisamente isso: uma tentativa de reinscrever o tempo humano num espaço orgânico, onde a experiência do passado (como memória) e do presente (como sensação) se fundem numa visão integradora. O Romantismo britânico, nesse sentido, busca restaurar o vínculo entre o homem, a terra e a tradição, afirmando uma continuidade cultural ameaçada pelo avanço da industrialização.

O poema “We are Seven” fornece um exemplo dessa integração afetiva e cultural. A criança do poema insiste que seus irmãos mortos ainda compõem o número total da família: “Their graves



are green, they may be seen, / The little Maid replied, / Twelve steps or more from my mother's door, / And they are side by side" (WORDSWORTH, 1798, p. 26). A morte, nesse contexto, não rompe a coesão do grupo; pelo contrário, a reafirma. Há uma aceitação da finitude que se ancora numa temporalidade circular, onde vida e morte coexistem harmonicamente. Este ciclo reflete o que Williams identifica como uma "temporalidade orgânica" – um tempo cultural que se desenvolve em cadência com os ritmos da natureza e da memória (WILLIAMS, 1977, p. 144).

Essa concepção se opõe radicalmente àquela expressa nas obras de Edgar Allan Poe, que configuram o Romantismo estadunidense como uma poética da ruptura, da interioridade transtornada e do espaço em decomposição. Em "The Fall of the House of Usher", a paisagem inicial já anuncia o colapso simbólico: "I looked upon the scene before me— upon the mere house, and the simple landscape features of the domain — upon the bleak walls — upon the vacant eye-like windows" (POE, 1839, p. 1). O espaço não é mais o repositório da memória coletiva, mas a projeção do desamparo psíquico. A casa dos Usher encarna uma linhagem sem continuidade, cujo último herdeiro é a própria encarnação do desmoronamento mental.

O narrador presencia o desfecho dessa decadência numa sequência de eventos que dissolvem a linha entre o real e o imaginário. A descrição do colapso final da casa — "the deep and dark tarn at my feet closed sullenly and silently over the fragments of the 'House of Usher'" (POE, 1839, p. 15) — não apenas encerra a narrativa, mas inscreve simbolicamente o fim de uma história, de uma memória, de um tempo. A literatura de Poe, nessa medida, incorpora o espírito da fronteira teorizado por Frederick Jackson Turner. Em sua obra *The Significance of the Frontier in American History* (1893), Turner argumenta que "the frontier is the outer edge of the wave — the meeting point between savagery and civilization" (TURNER, 1893, p. 2). A fronteira, mais que um lugar, é uma experiência de reinício permanente, onde a história se fragmenta e a identidade se redefine a cada passo.

Essa concepção histórica atravessa "The Raven" com ainda mais intensidade. O poema é estruturado como uma progressão em espiral, onde a repetição do refrão "Nevermore" transforma-se em dispositivo de aprisionamento temporal. Cada estrofe reitera a perda, o vazio e a impossibilidade de redenção: "And my soul from out that shadow that lies floating on the floor / Shall be lifted - never more!" (POE, 1845, v. 108). A ausência de continuidade narrativa — o sujeito não evolui, apenas repete sua dor — ilustra a lógica temporal da fronteira, que Turner descreve como uma constante reconfiguração: "American social development has been continually beginning over again on the frontier" (TURNER, 1893, p. 3). No lugar do ciclo, o corte; no lugar da memória, o trauma.

Raymond Williams contrasta esse tipo de narrativa com as formas culturais consolidadas, argumentando que a ruptura estética muitas vezes expressa uma "estrutura de sentimento emergente" (WILLIAMS, 1977, p. 131), ou seja, uma sensibilidade que ainda não encontrou suas instituições, mas



já manifesta sua presença nas formas artísticas. Poe é a voz dessa emergência americana: sua literatura não se ancora em tradições comunitárias, mas na psique isolada e angustiada, refletindo a condição de um povo em processo de autodefinição. O espaço americano, ainda sem raízes históricas profundas, torna-se terreno fértil para a projeção do estranho, do grotesco e do espectral.

Ao passo que Wordsworth encena uma subjetividade reconciliada com o mundo natural, Poe encarna a fragmentação psíquica num mundo onde as fronteiras entre realidade e delírio são instáveis. Em “The Mad Mother”, poema incluído em *Lyrical Ballads*, a loucura é tratada com ternura e compaixão: “I am not mad: I would to Heaven / That I were so, and then ’tis true / I should have been more happy far / Than I am now” (WORDSWORTH, 1798, p. 52). A voz lírica busca sentido mesmo na dor. Já em Poe, a loucura é devoradora e irreversível. Em “Usher”, o protagonista, ao final, perde não apenas sua irmã, mas a si mesmo. O horror não é apenas o fim da linhagem, mas da sanidade.

Ambas as poéticas lidam com a subjetividade, mas o fazem de modos absolutamente diversos. A de Wordsworth se fundamenta na comunhão e na permanência; a de Poe, na cisão e na impermanência. Essa diferença de estrutura é também uma diferença de visão de mundo. Enquanto o britânico vê a natureza como lugar de memória e continuidade cultural, o estadunidense a representa como espaço de ruptura, onde o passado não é herança, mas fantasma.

A contribuição dos teóricos aqui é essencial para iluminar esse contraste. Williams mostra como o tempo e o espaço são vividos na cultura não apenas como dimensões físicas, mas como experiências simbólicas e sociais. Sua leitura da literatura como mediação da história e da subjetividade permite compreender por que *Lyrical Ballads* é menos uma fuga do real e mais uma tentativa de reencantamento da experiência comum. Turner, por outro lado, oferece as ferramentas para entender por que Poe, ao tratar da fronteira como trauma, está criando não só ficção gótica, mas também uma mitologia fundacional dos Estados Unidos.

Em suma, o desenvolvimento da análise permite afirmar que o Romantismo britânico e o estadunidense articulam respostas estéticas profundamente enraizadas em suas respectivas condições histórico-culturais. O primeiro, representado por *Lyrical Ballads*, propõe uma poética da harmonia entre sujeito, natureza e tradição, onde a experiência individual se funde com uma consciência coletiva enraizada no passado. Tal concepção de mundo, conforme a leitura de Raymond Williams, expressa uma estrutura de sentimento que privilegia a continuidade, a memória e a estabilidade como fundamentos da identidade cultural britânica.

O Romantismo estadunidense, por sua vez, encarnado na literatura de Edgar Allan Poe, constitui uma estética da desagregação e do espanto, em que o tempo é vivenciado como ruptura e o espaço como território de assombro e transformação. A leitura de Frederick Jackson Turner permite compreender esse horizonte como expressão da lógica da fronteira: instável, violenta, sempre à beira



de si mesma. A subjetividade em Poe é construída na ausência de chão, na angústia da reescrita contínua da identidade nacional.

Dessa forma, as obras analisadas não apenas ilustram traços estilísticos divergentes, mas revelam estruturas simbólicas que permanecem operantes na literatura contemporânea. A herança romântica, em sua duplicidade — ora iluminada pela contemplação e pela memória, ora obscurecida pelo delírio e pela ruptura — permanece como matriz das formas narrativas modernas. Compreender essas diferenças, à luz dos referenciais teóricos aqui mobilizados, é apreender também os modos distintos pelos quais a cultura lê, organiza e projeta sua própria história. O que Wordsworth e Poe nos legam, portanto, não são apenas obras literárias canônicas, mas lentes críticas para se entender, ainda hoje, os contornos contrastantes da experiência humana entre tradição e reinvenção.

5 CONCLUSÃO

Na encruzilhada onde se encontram a história e a literatura, o Romantismo britânico e o estadunidense revelam-se como espelhos tensionados por verdades que, muitas vezes, a historiografia hesita em enunciar. Enquanto a história registra os fatos segundo a lógica dos vencedores, a literatura preserva as fraturas, os silêncios e os sentimentos que resistem à objetividade crua. Como afirmou Wordsworth em seu prefácio às *Lyrical Ballads*, a poesia é o resultado do “transbordamento espontâneo de sentimentos poderosos [...] recordados em tranquilidade” (WORDSWORTH, 1798, p. xii); essa memória emocional — distinta da memória factual — é precisamente o que permite à literatura revelar camadas invisíveis da experiência humana.

A diferença primal entre o Romantismo britânico e o estadunidense reside, portanto, no modo como essas culturas reagem esteticamente às suas próprias temporalidades e geografias. A Grã-Bretanha, com sua história longa e sedimentada, encontra em Wordsworth uma voz que canta a permanência e o retorno, a fusão entre indivíduo e paisagem, entre o tempo vivido e o tempo ancestral. Em poemas como *We Are Seven*, a persistência da memória e dos laços familiares transcende a morte: “Their graves are green, they may be seen, / [...] And they are side by side” (WORDSWORTH, 1798, p. 26). Aqui, a morte não interrompe o tecido do tempo; ela o adensa, tornando-o mais humano e coletivo.

Em contrapartida, o jovem e inquieto espírito americano, ainda em busca de uma identidade própria, dá à luz uma literatura de fissuras e assombros. Em *The Fall of the House of Usher*, Poe descreve uma mansão que, como a própria consciência americana, se desmorona sobre si mesma: “the deep and dark tarn at my feet closed sullenly and silently over the fragments of the ‘House of Usher’” (POE, 1839, p. 15). A fronteira, como pensada por Turner (1893), não é apenas uma linha geográfica, mas uma ferida aberta na história — e Poe escreve diretamente dessa ferida. O



“Nevermore” de *The Raven* ecoa como o mantra trágico de uma nação onde o tempo não reconcilia, mas repete obsessivamente suas perdas (POE, 1845, v. 108).

Enquanto Wordsworth oferece um tempo contínuo e integrador, onde cada flor “enjoys the air it breathes” (WORDSWORTH, 1798, p. 15), Poe revela um tempo fragmentado, dilacerado, onde o presente é apenas a repetição espectral de um passado irredimível. A leitura de Raymond Williams ilumina essa diferença ao afirmar que “o tempo histórico não é apenas o passado cronológico, mas o presente vivido em camadas” (WILLIAMS, 1977, p. 132). Wordsworth escreve a partir dessas camadas; Poe, sobre sua ausência.

Portanto, o que se revela nesta análise não é apenas uma divergência literária, mas uma clivagem ontológica entre dois modos de ser e narrar o mundo. A literatura romântica, tanto britânica quanto estadunidense, não apenas reflete suas respectivas sociedades, mas escava nelas o que a história oficial omite: o sagrado vínculo com a terra e a tradição, no caso britânico; e o trauma da reinvenção perpétua, no caso americano. Ambas as tradições — a da continuidade e a da ruptura — continuam a moldar os contornos simbólicos da literatura contemporânea, cuja complexidade ainda ecoa a lâmina incandescente dessas espadas-dialéticas forjadas no calor romântico de dois mundos em contraste.

Assim, as obras de Wordsworth e Poe não apenas falam de seu tempo, mas *são* o tempo em que falam. São palimpsestos onde se inscreve uma verdade que a história muitas vezes sufoca: a de que as nações não se constroem apenas por batalhas ou tratados, mas também por sonhos, delírios, flores silvestres e casas em ruínas — por aquilo que sobrevive na linguagem quando tudo o mais já se perdeu.

DEDICATÓRIA

À minha mãe,
cujo amor silencioso e inquebrantável é a fundação de todas as palavras que ousou escrever. Que sua ternura — sempre presente como a brisa que não se vê, mas se sente — seja para sempre o solo fértil onde germinam meus sonhos.



REFERÊNCIAS

POE, Edgar Allan. *The fall of the House of Usher and other writings*. London: Penguin Books, 2003.

POE, Edgar Allan. *The Raven and other poems*. Mineola: Dover Publications, 1991.

TURNER, Frederick Jackson. *The significance of the frontier in American history*. New York: Henry Holt, 1921.

WILLIAMS, Raymond. *Marxism and literature*. Oxford: Oxford University Press, 1977.

WORDSWORTH, William; COLERIDGE, Samuel Taylor. *Lyrical Ballads: with a few other poems*. London: J. & A. Arch, 1798.

